

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

RINALDO DA SILVA BRITO

**INFLUÊNCIA DO AÇÚCAR GAÚCHO S/A(AGASA), NA EVOLUÇÃO DA
HISTÓRIA AGRÁRIA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO, PRIMEIRO DISTRITO DE
SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA/RS.**

**SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA
2011**

RINALDO DA SILVA BRITO

**INFLUÊNCIA DO AÇÚCAR GAÚCHO S/A(AGASA), NA EVOLUÇÃO DA
HISTÓRIA AGRÁRIA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO, PRIMEIRO DISTRITO DE
SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA/RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Beroldt

**SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA
2011**

RINALDO DA SILVA BRITO

**INFLUÊNCIA DO AÇÚCAR GAÚCHO S/A(AGASA), NA EVOLUÇÃO DA
HISTÓRIA AGRÁRIA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO, PRIMEIRO DISTRITO DE
SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA/RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Santo Antônio da Patrulha, 26 de maio de 2011.

Prof. Dr. –Leonardo Beroldt - Orientador
UFRGS

Prof. Dr. - Karl Martin Monsma
UFRGS

Profa. – Valéria Dorneles Fernandes
UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a todas as pessoas que, de uma maneira ou outra, contribuíram para a minha caminhada até este momento. São muitas as pessoas que me deram forças neste caminho para adquirir conhecimento, porém eu queria em especial dedicar este trabalho de conclusão a minha mãe, NILZA DA SILVA BRITO e meu pai, ONIBALDO PEREIRA BRITO que me educaram e me deram força para que eu seja um homem plenamente realizado. Dedico também este trabalho a minha esposa e meus filhos, que muitas vezes, ficaram sem a minha companhia por causa da minha dedicação para com o curso.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus colegas de curso e tutores, pela força que me deram para eu conseguir os meus objetivos. A caminhada até aqui não foi fácil, mas com a ajuda dos tutores e professores que nos cobraram forte, nossa turma conseguiu chegar ao objetivo final que é a graduação. Quero agradecer, principalmente, aos tutores presenciais e a todos os colaboradores do Pólo de Santo Antônio da Patrulha que me ajudaram, tornando minha caminhada até aqui, menos sinuosa e menos acentuada.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a realidade agrária da região de Ribeirão, observando principalmente a influência que a AGASA teve na região, visto que mudou o destino de vários agricultores e suas respectivas famílias. Este trabalho aborda a evolução dos sistemas agrários da região de Ribeirão no período da ocupação indígena até a falência da empresa Açúcar Gaúcho S/A (AGASA) e a conseqüente migração dos agricultores da região para as cidades próximas e grande Porto Alegre. Aborda a influência que a AGASA teve neste processo evolutivo. São identificados alguns dos fatores que levaram às mudanças agrárias na região e suas conseqüências para a agricultura local. Para atingir os objetivos mencionados acima, foram realizadas consultas bibliográficas, consultas a documentos relacionados à existência da AGASA, observação de algumas propriedades existentes na localidade de Ribeirão e entrevistas. Foram acessados também documentos existentes no arquivo morto da AGASA, além de entrevistas com quatro agricultores de propriedades rurais, localizadas no entorno da usina e atores envolvidos com a AGASA. O trabalho apresenta a contextualização do município de Santo Antônio da Patrulha, as características da AGASA e da região de Ribeirão. Na seqüência, são apresentadas as características da evolução dos sistemas agrários da região, desde o Sistema Agrário Indígena passando pelo Sistema Agrário Colonial Português, seguido pelo Sistema Agrário Moderno e Contemporâneo. Estes dois últimos sistemas agrários foram influenciados pela instalação e fechamento da AGASA. O trabalho procura contribuir para o conhecimento da história agrária da localidade, contando com a influência significativa que a AGASA teve para a região e entorno. O trabalho procura entender os motivos que levaram a localidade a se transformar de uma região agrícola a se tornar uma localidade quase que totalmente dormitório, pois seus moradores trabalham na cidade de Santo Antônio da Patrulha e Caraá, retornando à noite, para pernoitar. A pesquisa aponta que pouco restou de agricultura na região. Somente alguns agricultores antigos permanecem cultivando produtos para consumo próprio. A maioria dos jovens da região trabalha em fábricas de calçado e metalúrgicas, na cidade de Santo Antônio da Patrulha.

Palavras-chave: Sistemas agrários; Cana de açúcar; Canavieiros; Policultivos; Monocultivos.

ABSTRACT

The general goal of this work is to analyze the agrarian reality of the Ribeirão region, observing the influence that AGASA had there taking into account that it has changed the destiny of several agriculturalists and their respective families. This paper approaches the agrarian systems evolution in Ribeirão region in the Indian settlement period until Açúcar Gaúcho S/A (AGASA) bankrupt and the consequent migration of the agriculturalists of the region to the nearest cities and also Porto Alegre. It approaches the influence AGASA had in this evolution process. Some factors which lead to the agrarian changes in this region and its consequences for the local agriculture are identified. In order to accomplish the goals mentioned above, bibliographical research to paper related to AGASA existence, observation of some properties in the region as well as some interviews. Also papers in AGASA closed files were accessed, besides of interviews with four rural properties owners, located nearby the mill and actors involved with AGASA. The paper introduces the contextualization of Santo Antônio da Patrulha county, AGASA and Ribeirão region characteristics. Then, the region agrary systems evolution features are presented, since the Indian Agrary System, going through the Colonial Portuguese System, followed by the Modern and Contemporaneous Systems. These two latter ones were influenced by Agasa opening and closure. This paper tries to contribute to the awareness of the local agrarian history counting on the significative influence that AGASA had to the region and surrounding areas. The paper tries to understand the reasons why this is now a dormitory place, for people who, live there work in Santo Antonio and Caraa and just come back home in the evening to spend the night and sleep. Research shows that there is little agriculture in the region now. Only some old agriculturalists keep on planting for their own consume. Most of the young people in this region work in shoes and metallurgic factories in Santo Antônio da Patrulha.

Key Words: Agrarian Systems, Sugar Cane; Sugar Cane Plantations, Poli cultivation, Mono cultivation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA AGASA E RIBEIRÃO NA REGIÃO DO LITORAL NORTE DO RS.....	13
FIGURA 2: VISTA AÉREA DA AGASA.....	15
FIGURA 3: INAUGURAÇÃO DA AGASA	24
FIGURA 4: REGISTRO DE QUEIMADAS PARA A EXPANSÃO DOS CANAVIAIS..	25
FIGURA 5: CARREGAMENTO MANUAL DE CANA: MOMENTO DA SUBIDA NA PRANCHA	26

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

GRÁFICO1: PRODUÇÃO DE AÇÚCAR DA AGASA DE 1966 A 1985	27
QUADRO 1: EVOLUÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS DE RIBEIRÃO/RS.....	33
GRÁFICO 2: SITUAÇÃO FUNDIÁRIA DA LOCALIDADE DE RIBEIRÃO/RS (2010)	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGASA - Açúcar Gaúcho S/A.

AP - Antes do presente.

IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool.

SITAGRO - Sistema de Informações Tributárias Sobre a Agropecuária.

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	13
1.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA ...	13
1.2 AÇÚCAR GAÚCHO S/A (AGASA)	14
1.3 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DE RIBEIRÃO	15
1.4 HISTÓRICO DA REGIÃO DE RIBEIRÃO	19
2 SISTEMAS AGRÁRIOS DA REGIÃO DE RIBEIRÃO	20
2.1 A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS NA REGIÃO DE RIBEIRÃO	20
2.2 SISTEMA AGRÁRIO INDÍGENA.....	20
2.3 SISTEMA AGRÁRIO COLONIAL PORTUGUÊS.....	22
2.4 SISTEMA AGRÁRIO MODERNO	24
2.5 SISTEMA AGRÁRIO CONTEMPORÂNEO	31
3 SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DA REGIÃO DE RIBEIRÃO NA ATUALIDADE	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
APÊNDICES	40
ANEXO I.....	47

INTRODUÇÃO

A região de Ribeirão, primeiro distrito de Santo Antônio da Patrulha, no estado do Rio Grande do Sul, desde a chegada dos europeus, se destacou pelas plantações de cana de açúcar em suas propriedades. A região, desde sua ocupação por europeus, foi habitada por pequenos agricultores, devido ao tipo de terreno que dificulta a formação de grandes plantações e, assim, a presença de latifúndios. Desde o início da ocupação, os principais produtos cultivados foram para consumo dos pequenos agricultores e suas famílias. Também criavam porcos, galinhas e algumas cabeças de gado bovino. Com a fundação do Açúcar Gaúcho S/A (AGASA), em 1965, ocorreram mudanças na região. Os agricultores deixaram de lado os seus policultivos, e talvez, fascinados pela possibilidade de conseguir melhorar de vida com a venda da cana para a recém criada usina, começaram a plantar somente para suprir a produção exigida por ela, deixando de lado uma tradição de vários anos da localidade que era o de policultivos para a subsistência. Ocorreu uma grande mudança com a monocultura da cana e com o fechamento da usina, em 1990, estes agricultores ficaram desamparados.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a realidade agrária da região de Ribeirão, observando principalmente qual a influência que a AGASA teve na região, visto que mudou o destino de vários agricultores e suas respectivas famílias. Serão mostrados também os fatores que levaram às mudanças agrárias na região e suas consequências para a agricultura local.

O presente trabalho procurou investigar a influência do Açúcar Gaúcho S/A (AGASA) na história agrária da localidade de Ribeirão, procurando estabelecer uma comparação entre o período anterior ao surgimento da AGASA e o período da sua decadência. Para compreender a trajetória da agricultura desta região, enfocando esta comparação, a pesquisa apresenta um estudo da evolução e diferenciação dos sistemas agrários de Ribeirão. Como objetivos específicos devem-se destacar:

- A Identificação das primeiras atividades agrárias da região.
- A apresentação do modelo agrário, antes da AGASA.
- A identificação das consequências da criação da AGASA.
- A apresentação das transformações da região e do padrão de agricultura pós AGASA.
- O debate sobre o declínio da AGASA e suas consequências para a região e modelo agrário atual.

A justificativa para este trabalho consiste na necessidade de compreender os caminhos que levaram a região de Ribeirão a se transformar em uma localidade dormitório, mesmo sendo uma região rural com boas qualidades de desenvolver uma agricultura familiar. Não haveria necessidade dos moradores migrarem para as cidades em busca do sustento de suas famílias, nem de sua dignidade. Vários fatores mudaram o panorama da localidade a partir do surgimento e encerramento das atividades da AGASA. Dentre estes fatores, interessante destacarem alguns mais relevantes como: desequilíbrio ambiental, o fim do policultivo, o êxodo rural, a implantação da “cultura” do supermercado e a transformação da localidade, de espaço agrícola em localidade que serve quase que totalmente para seus moradores pernovernarem em suas propriedades e todos os dias, bem cedo, deslocarem-se para a cidade para trabalhar, voltando ao entardecer para dormir, ou seja, uma localidade dormitório.

Para entender o contexto de evolução do sistema agrário da região, é importante compreender como os agricultores chegaram à região e quais foram os grupos sociais que ocuparam a localidade. Outro fator importante é entender a formação do relevo da localidade para entender a formação das propriedades da localidade.

Para atingir os objetivos propostos acima, foram realizadas consultas bibliográficas, consultas a documentos relacionados à existência da AGASA, observação de algumas propriedades existentes na localidade de Ribeirão e entrevistas. Foram acessados também documentos existentes no arquivo morto da AGASA, além de entrevistas com quatro agricultores de propriedades rurais, localizadas no entorno da usina e atores envolvidos com a AGASA. O trabalho de campo foi realizado no período de 05 de dezembro de 2010 a 20 de janeiro de 2011.

Para as entrevistas com atores envolvidos no o processo de produção da AGASA, foi elaborado um roteiro (Apêndices, A, B, C, D, E, F), com questões semi-estruturadas. As entrevistas foram feitas com um engenheiro agrônomo, o qual trabalhou na AGASA desde antes da fundação da usina até 1975. Com um caminhoneiro, que fazia frete para os canavieiros, um ex-funcionário que trabalhou na administração da AGASA, a esposa de um canavieiro, o canavieiro mais antigo encontrado, que vivenciou desde o período anterior, até após a AGASA e um agricultor que igualmente vivenciou o período da AGASA até o encerramento das atividades da usina.

1 CONTEXTO DA PESQUISA

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

Santo Antônio da Patrulha é um município localizado no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, distante 76 km da capital do estado que é Porto Alegre. O município de Santo Antônio da Patrulha tem como acessos principais a BR 290 e RS 030. Pela BR 101, através do Município de Osório, tem acesso com o centro do país, já pela RS 474 tem ligação com Rolante, Taquara e a serra gaúcha. O Município possui uma área territorial de 1.049,000 Km², e uma população estimada de 39.910 habitantes (IBGE, 2010).



Figura 1: Mapa de localização da AGASA e Ribeirão na região do Litoral Norte do RS.

Fonte: Google MAPS.

O território Municipal é dividido administrativamente em seis distritos. O 1º distrito corresponde à sede municipal com área urbana e arredor, o 2º distrito tem sede em Miraguaia, o 3º distrito em Catanduva Grande, o 4º distrito tem sede em Pinheirinhos, o 5º distrito em Evaristo e o 6º distrito tem sede em Chicolomã. Santo Antônio da Patrulha limita-se ao norte com os municípios de Rolante e Riozinho, a leste com os municípios de Caraá e Osório, ao Sul ao Sul com Capivari e Viamão e a Oeste com Taquara, Glorinha e Gravataí. Sua localização geográfica compreende a transição entre a planície e o planalto, sendo o marco inicial ao Sul da Encosta da Serra do Mar. Nos seus limites, na área de planície, encontra-se a nascente do Rio Gravataí, com sua nascente no Banhado do Chicolomã e a Lagoa dos Barros,

importante reservatório hídrico do Município. Na área de encosta encontra-se a Bacia do Rio dos Sinos, o qual nasce no Município de Caraá e corta Santo Antônio em direção ao Município de Taquara, sendo suas águas utilizadas para a agricultura e pecuária. Alguns afluentes do Rio dos Sinos nascem em terras patrulhenses (WIKIPEDIA, 2010).

As formações vegetais encontradas no Município são de Floresta Ombrófila Densa (Mata Atlântica) e Vegetação Pioneira ou campos, bem como planície inundável formada pelo Banhado do Chicolomã. O clima do município é caracterizado por uma temperatura média anual de 20°C, sendo a média das temperaturas máximas de 23,8°C, e a média das mínimas de 15,4°C. A temperatura máxima absoluta observada foi de 38,4°C e a mínima de 1°C. Quanto ao regime de chuvas, o mês mais chuvoso é setembro. Fevereiro, março, abril e maio são os meses de menor precipitação. Os solos do município variam de acordo com a localidade, sendo na maioria areno-argilosos nas planícies e argilosos de origem basáltica na encosta e na Serra. A economia do município é baseada principalmente na orizicultura, cultivada nas várzeas em escala extensiva e com alta tecnologia, responsável por uma significativa parcela na geração de imposto sobre circulação de mercadorias. Na região das encostas, distribuída em minifúndios, desenvolvem-se outras culturas tais como o feijão, milho, fumo, cana de açúcar e mandioca. Na pecuária, a criação bovina, devido a condições climáticas favoráveis, destaca-se como uma atividade econômica importante. A indústria metal-mecânica alicerçou-se no município através da Indústria Metalúrgica Agrícola Patrulhense LTDA (IMAP) e das Máquinas Agrícolas Santo Antônio LTDA (MASAL), que provocaram a criação de uma série de outras pequenas indústrias gerando emprego e assegurando uma expressiva fatia da arrecadação de ICMS do Município. Outro setor forte é o alimentício, com a produção de produtos naturais como a rapadura e o melado. No primeiro distrito de Santo Antônio da Patrulha, a 10 km da sede do município e 3 km da AGASA, situa-se a região de Ribeirão, objeto deste estudo (WIKIPEDIA, 2010).

1.2 AÇÚCAR GAÚCHO S/A (AGASA)

A empresa Açúcar Gaúcho S/A (AGASA), segundo a historiadora Vera Lúcia Maciel Barroso (2006), foi fundada no ano de 1965 e sua primeira safra foi realizada em 1966. O objetivo da usina era implementar o progresso na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul que era considerada a mais pobre do estado. O governador da época para promover este desenvolvimento, resolveu que, como o Litoral Norte Gaúcho tinha um declínio para a

plantação de cana desde o século XVIII, aproveitar esta matéria prima, construindo entre o município de Osório e Santo Antônio da Patrulha, maior produtor de cana na época, a importante usina que alavancaria o progresso da região.

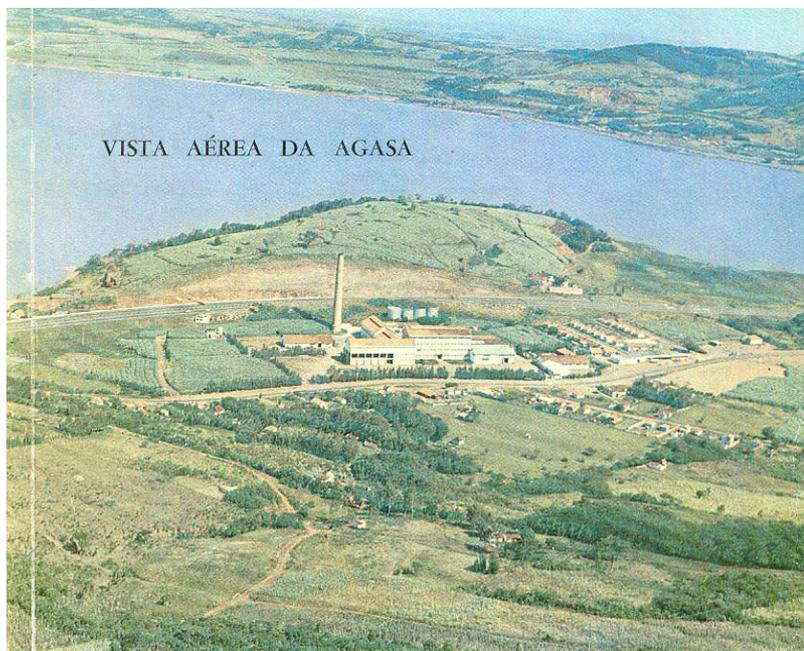


Figura 2: Vista aérea da AGASA

Fonte: BARROSO, 2006 - AÇÚCAR GAÚCHO S.A. – *Relatório da safra 1974/1975* (Santo Antônio da Patrulha, 1975).

1.3 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DE RIBEIRÃO

A região de Ribeirão está situada na zona rural do 1º Distrito do município de Santo Antônio da Patrulha, distante 10 km de sua Sede. Ribeirão fica situado em área de Mata Atlântica com clima subtropical e estações bem definidas, o relevo da região se caracteriza por pequenos morros com encostas pedregosas, o solo é argiloso de coloração vermelha de origem basáltica, apresentando profundidades rasas com afloramento de rochas. A região é cortada por grande número de pequenas sangas, que têm suas vertentes nas encostas dos morros e correm todas para o riacho que dá nome à localidade e é um afluente do Rio dos Sinos, cortando a localidade de sul a norte.

A comunidade residente nesta região é, majoritariamente, de descendência açoriana, com algumas famílias de descendência italiana e alemã, havendo um intercâmbio cultural intenso entre estes grupos étnicos. Pode-se perceber que grande parte das propriedades possui menos de 5 hectares, totalizando 72% do número de propriedades total, 20% com mais de 5

ha. e menos de 10 ha., 5% com mais de 10 ha e menos de 20 há 2% das propriedades da localidade possuem de 20 a 30 ha e apenas 1% das propriedades possuem mais de 30 ha (SITAGRO, 2010).

Na sua maioria, as propriedades de Ribeirão são pequenas, onde se destaca como atividade econômica a pecuária de corte, a lavoura de fumo, sorgo, vassoura, cultivos de hortigranjeiros, cultivos de aipim para consumo próprio, cana de açúcar, batata doce, milho e feijão, além da criação de pequenos animais como suínos e aves. Em muitas famílias da localidade a renda é complementada com a mão de obra de alguns integrantes da família que trabalham em empresas na sede do município ou que trabalham como meeiros; ou como peões, em outras propriedades, neste caso sem carteira assinada, visando a uma aposentadoria como trabalhador rural. Os produtores têm como representante de sua classe o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Antônio da Patrulha, ao qual pagam anuidade. Cabe aqui salientar que nem todos os proprietários e trabalhadores rurais da localidade contribuem para o sindicato rural.

É comum na localidade e na região próxima ocorrerem mutirões para a realização de tarefas como a construção de instalações (casas e galpões) ou para a limpeza das áreas de cultivo. Os mutirões ocorrem havendo um intercâmbio de mão de obra. Em um determinado dia da semana os participantes do mutirão escolhem uma propriedade de um dos integrantes para realizar as tarefas. Geralmente é escolhida em primeiro lugar aquela propriedade que necessita mais urgentemente da realização do trabalho. No dia seguinte, eles realizam o mutirão em outra propriedade e assim sucessivamente até chegarem à última propriedade dos integrantes do mutirão. Estes mutirões ocorrem devido à falta de mão de obra da região, pois o contingente humano que poderia realizar estas tarefas está centrado nas cidades. Segundo moradores da região, mesmo havendo capital por parte dos proprietários da região, eles não conseguem mão de obra para realizar estes trabalhos. Segundo eles os salários da cidade são mais atraentes e que por isso eles não conseguem mão de obra para trabalhar nas lavouras da região. Tal situação obriga os agricultores, proprietários, criarem rede de solidariedade para que o trabalho seja realizado.

Na região de Ribeirão e arredores, nota-se uma diminuição da presença de jovens no meio rural, sendo mais comum pessoas acima de 35 anos na atividade agrícola desta região. Os jovens que ficaram na região, em sua maioria, são apenas moradores, trabalhando na cidade ou em uma fábrica de luvas instalada na própria região.

Poucas propriedades possuem mecanização. Na maioria delas os agricultores ainda utilizam a tração animal para os trabalhos de aração e transporte da safra dentro das propriedades. As razões para os agricultores da localidade usarem ainda tração animal se deve à declividade do solo da região e também devido ao tipo de terreno pedregoso que impede a utilização de máquinas para desenvolver as atividades agrícolas.

Na região de Ribeirão é possível observar que há falta de escolas para as crianças. Isto se deve à política dos últimos governos que priorizam o deslocamento das crianças de escolas rurais para as escolas maiores da zona urbana. No passado, a região possuía três escolas primárias, atualmente estas se encontram fechadas. Esta é uma situação preocupante, pois ocasiona uma perda de identidade muito grande para a localidade. Suas crianças são deslocadas do seu mundo particular da zona rural para aprenderem conteúdos voltados para a realidade urbana.

A principal via de acesso da localidade é uma estrada sem pavimentação, muito mal conservada que, quando ocorrem enchentes, fica interrompida, pois as passagens do rio são muito precárias e as pontes não suportam a grande quantidade de água do rio e interrompem o acesso. A localidade conta ainda com uma rede elétrica que foi construída há pouco mais de vinte e cinco anos. Quanto ao lixo que é produzido pelos moradores em suas casas, existem alguns contêineres localizados à beira da estrada, para depósito deste lixo e que são esvaziados por um caminhão de coleta que passa de quinze em quinze dias. O abastecimento de água na localidade é precário. São ainda utilizados fontes de captação em poços particulares. As moradias, em sua maioria, são construções simples de madeira ou alvenaria, contando com sanitários junto à construção.

A localidade conta com um Salão da comunidade católica, que é maioria na localidade, onde são realizados festas e eventos sociais. Nos últimos anos, tem se notado a presença de outras religiões que também contam com suas sedes sociais. Existe também um campo de futebol, servindo este como lazer aos fins de semana e de local de disputas de partidas pelos campeonatos realizados em nível municipal do time representante da localidade.

Os habitantes da localidade fazem suas compras necessárias, tanto para a atividade agrícola como doméstica, na sede do município de Santo Antônio da Patrulha, pois não existem grandes mercados para compras. Pequenos comércios locais servem para aquisição de mercadorias básicas ao consumo humano e para recreação, como canchas de bocha e locais que servem aperitivos (conhecidos botecos).

As mulheres não têm muitas alternativas de lazer ou recreação. O passatempo principal das mulheres da localidade é visitar vizinhos e parentes, ou ficar em casa assistindo à televisão. Os homens têm a disposição as canchas de bocha e o futebol, sendo este último uma grande paixão, principalmente quando ocorrem campeonatos ou torneios na localidade e região próxima.

O meio ambiente não é uma grande preocupação para os moradores da região. Nota-se que o desmatamento ocorre de forma intensa. Várias áreas foram desmatadas onde não foram utilizados critérios para tal. Percebe-se que na região existem vários locais sem vegetação original e que apresentam uma declividade superior a 45° e, outros com grande afloramento de pedras, o que inviabiliza o cultivo.

Outra característica da região é a grande quantidade de vertentes em toda parte. Os arroios também fazem parte da paisagem. São afluentes de um arroio maior denominado Ribeirão, que é afluente do Rio dos Sinos. O manancial hídrico é muito vasto trazendo uma riqueza para a paisagem da região, mas esse, muitas vezes, apresenta-se como uma dificuldade aos produtores que necessitam fazer drenagem para diminuir a umidade do solo criando condições para o cultivo. Outro problema relacionado ao meio ambiente é a derrubada da mata ciliar o que ocasiona a erosão e o assoreamento dos arroios e proliferação de mosquitos conhecidos popularmente como borrachudos. A mata ciliar é o habitat natural do borrachudo e com a sua diminuição, este tem se dirigido às lavouras e às residências. A eliminação dos predadores naturais dos borrachudos, como os peixes, sapos e pássaros, também têm contribuído para o aumento da incidência do mosquito.

O meio ambiente também tem sofrido devido à utilização maciça de insumos químicos, como adubos e agrotóxicos. Com o objetivo de aumentar a produtividade, estes elementos são utilizados sem uma avaliação dos problemas que trazem para a saúde e para a sustentabilidade da região.

O principal cultivo, desde a chegada dos portugueses na região, foi a cana de açúcar. Inicialmente era processada artesanalmente e transformada em aguardente e açúcar mascavo. Posteriormente, o cultivo era comercializado *in natura* com a AGASA. Quando a AGASA foi extinta, nos anos 90, surgiram grandes problemas, principalmente porque não havia mercado consumidor para o produto. Alguns produtores implantaram engenhos onde venderam o melado às fábricas de rapaduras. Outra parte dos agricultores foi para a cidade procurar uma alternativa para o momento de crise e, outros mudaram de cultivo e conseguiram uma relativa segurança econômica. Por fim, existe uma grande parcela que mora na região e trabalha nas

fábricas de calçados da cidade. O transporte é fornecido pelas empresas calçadistas facilitando o acesso a esta alternativa como meio de sobrevivência econômica.

1.4 HISTÓRICO DA REGIÃO DE RIBEIRÃO

A região de Ribeirão, segundo Barroso (2006), foi colonizada por açorianos, italianos e alemães, por volta de 1830. No início da colonização, a localidade era totalmente coberta por florestas do tipo Mata Atlântica.

O Município de Santo Antônio da Patrulha teve seu território primeiramente ocupado por povos indígenas que praticavam atividades de extrativismo, caça e pesca. Posteriormente, chegaram colonizadores luso-açorianos com um povoamento esparso (BEMFICA, 2000).

Segundo os moradores mais antigos que guardam memória de relatos de seus antepassados, as primeiras famílias que ocuparam a localidade inicialmente tiveram que vir a cavalo fazendo picadas na mata e se embrenhando lentamente, pois além da mata fechada havia ainda o empecilho do terreno muito acidentado e a grande quantidade de pequenos cursos de água ali existentes. No início, as famílias se acomodaram em cabanas de material vegetal em pequenas picadas feitas por eles. Nesta época, não encontraram mais nativos na região, mas encontraram vestígios deles, como cerâmicas, por exemplo. Os nativos ali existentes anteriormente eram da nação Tupi Guarani e eram horticultores, por isso utilizavam cerâmicas para cozinhar seus alimentos (GARCEZ, 2010).

Passando a fase inicial do assentamento, as famílias foram fazendo suas coivaras¹ e plantando suas roças. No início, plantavam culturas para o consumo próprio das famílias, como milho, feijão e outras leguminosas.

P. P. B., agricultor da região de Ribeirão, e que hoje tem 93 anos de idade, enfatiza que quando ele era jovem, seu pai e outros vizinhos (isto por volta de 1925) plantavam cana de açúcar para fazer rapaduras e vender na cidade. Além disso, eles plantavam muito milho, feijão, arroz, aipim, batata doce e criavam porcos e gado. Isto, segundo ele, aconteceu até a chegada da usina, em 1965, e que mudou totalmente o modo de produção da região. O pessoal incentivado pelo governo começou a plantar apenas a cana para o consumo da AGASA (BARROSO 2006).

¹ Agricultura de coivara é entendida como sendo a derrubada da mata nativa, colocação de fogo para limpeza do local e disponibilização de nutrientes e o plantio de cultivos de interesse alimentar durante uma ou duas safras. Após este período é abandonado o local para reconstituição natural e se busca nova área.

2 SISTEMAS AGRÁRIOS DA REGIÃO DE RIBEIRÃO

2.1 A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS AGRÁRIOS NA REGIÃO DE RIBEIRÃO

Para compreendermos a história agrária da região, neste trabalho será apresentada a evolução e diferenciação dos sistemas agrários da região de Ribeirão.

Sistema agrário, segundo Mazoyer e Roudart (2001) é um instrumento que permite compreender cada forma de agricultura e perceber as transformações históricas e as diferentes agriculturas praticadas pelo homem através do tempo, com suas diferentes geografias. Segundo os estudiosos citado acima, é preciso distinguir a agricultura como ela é praticada, mas também o conhecimento abstrato no qual o observador forma o objeto teórico de conhecimento (MAZOYER e ROUDART, 2001).

Para entendermos o sistema agrário da região de Ribeirão, é preciso entender a evolução dos sistemas agrários do Rio Grande do Sul. Segundo Garcez (2010), a evolução dos sistemas agrários no Rio Grande do Sul é dividida em dois modelos que são o Sistema Agrário do Campo e o Sistema Agrário de Floresta. Na localidade de Ribeirão se desenvolveu o Sistema Agrário de Floresta por causa de sua formação natural que é o de encostas com florestas de Mata Atlântica. Segundo Garcez (2010), o Sistema Agrário de Floresta se divide em Sistema Agrário Indígena, Sistema Agrário Colonial Português, Sistema Agrário Moderno e Sistema Agrário Contemporâneo (GARCEZ, 2010).

2.2 SISTEMA AGRÁRIO INDÍGENA (6000 AP A 1830)

Começamos por descrever o Sistema Agrário Indígena no litoral norte do Rio Grande do Sul, onde está inserida a região em estudo neste trabalho. Segundo Daniela Garcez (2010) citando Kern (1991), o litoral norte do Rio Grande do Sul foi povoado por indígenas caçadores coletores por volta do ano 6000 AP (Antes do Presente), comprovados pela existência de sambaquis² que foram devidamente estudados por arqueólogos. Por volta de

² Sambaquis são acúmulos de conchas, ossos de peixes e outros resíduos de atividade humana, resultantes da ocupação do litoral marítimo por bandos especializados em sua exploração. São os resíduos mais volumosos produzidos por qualquer população pré-histórica brasileira. Podem formar morros de 30 metros de altura, ao longo de lagoas, lagunas, mangues, pântanos ou baías, onde os alimentos eram ricos, mas dificilmente são encontrados ao longo de praias retilíneas, onde o conjunto de alimentos é consideravelmente pobre.

2000 AP, houve o aparecimento de cerâmicas, indicando uma agricultura mais forte e a indicação que grupos caçador-coletores pretendiam transformar o meio ambiente próximo, dando início a atividade de agricultura (GARCEZ, 2010).

Nesse período havia uma vasta vegetação arbórea, que era a Mata Atlântica. Apenas cinco por cento da área estava desmatada e era utilizada pelos índios para o plantio e para construção de suas moradias (GARCEZ, 2010).

Quando os Tupis-Guaranis chegaram, trouxeram consigo as técnicas neolíticas de agricultura. Desta forma é possível identificar um sistema agrário que se baseava na agricultura de subsistência, plantando milho, feijão, fumo, mandioca etc. Os Tupis-Guaranis também caçavam pequenos animais da região como os jaós, inhambu, veado, urú e tatu entre outros, bem como pescavam e coletavam para suprir suas necessidades. Eles mantinham contatos com outras tribos onde faziam trocas de produtos de sua produção. Havia uma divisão de tarefas nas tribos sendo que os homens eram responsáveis pela confecção das armas, pela proteção do grupo, pela caça e pesca, pela guerra e pelo preparo da terra para o plantio. Às mulheres, cabia a tarefa de cuidar dos filhos pequenos, as plantações e colheitas e a fabricação de cerâmicas e artesanato (GARCEZ, 2010).

O sistema de cultivo utilizado era a coivara. Fabricavam cerâmicas onde eram preparados as bebidas e alimentos e fabricavam grandes vasos de cerâmicas que eram utilizados como urnas funerárias. Era costume entre eles a fabricação de adornos de conchas, pedras e penas, que eram utilizados nas festas do grupo e rituais religiosos. Os índios usavam para a pesca, anzóis feitos de ossos e flechas para a caça.

Essa nação indígena era polígama e sua religião politeísta. Suas casas eram feitas de palha e dispostas em círculo com um grande espaço central no qual praticavam os cultos e festas (GARCEZ, 2010).

A chegada dos imigrantes açorianos na região de Ribeirão, por volta de 1830, foi o principal fator de crise e transição do Sistema Agrário Indígena para o Sistema Colonial Português. Alguns índios foram empurrados para as regiões de difícil acesso e outros foram dizimados e também houve alguma miscigenação.

2.3 SISTEMA AGRÁRIO COLONIAL PORTUGUÊS (1830 A 1965)

O Sistema Agrário Colonial Português, na região de Ribeirão, começou com a chegada de imigrantes portugueses oriundos dos Açores. Com a chegada dos açorianos, a Mata Atlântica teve uma redução significativa. Em 1960, apenas 40% da mata estava intacta, segundo relato de moradores antigos da localidade (BEMFICA, 2000). A mata ciliar também teve grande redução, sendo que o rio já nesse período começa a sofrer assoreamento. A derrubada das espécies nativas serviu para construção das casas, sendo a madeira beneficiada nas serrarias da localidade. Os açorianos trouxeram consigo machados, foices e arados trazidos da Europa, também praticavam pequena criação de aves, porcos e gado bovino. Essas famílias eram patriarcais, e praticavam a religião católica. Eram pequenos agricultores que possuíam em média propriedades de 40 hectares. Plantavam milho, cana de açúcar, feijão, trigo, batata e vassoura. Isto tudo em sistema de coivara. O excedente da produção era vendido para outras regiões, principalmente em centros maiores como Porto Alegre. Alguns moradores possuíam pequenos moinhos onde era fabricada a farinha de milho e de trigo. O dono do produto, o milho ou o trigo, pagava ao dono do moinho com o próprio produto, ficando o dono do moinho com uma porcentagem do produto como pagamento. Também era comum na localidade, a existência de engenhos de cana de açúcar onde produziam cachaça, melado e açúcar mascavo (BEMFICA, 2000).

As plantações de cana de açúcar na localidade de Ribeirão se confundem com a história da região. Na região de Santo Antônio da Patrulha a cana já era plantada desde o século XVIII pelos primeiros povoadores da região. Segundo Barroso (2006) a implantação de engenhos de cana de açúcar na região do Litoral Norte Gaúcho deu-se no início do século XVIII com o advento do tropeirismo, onde o governo do centro do país incentivava o processo de ocupação do território do sul, a fim de promover o processo de conquista portuguesa na região meridional do Brasil (BARROSO 2006).

Segundo Barroso (2006) no final da década de 1770 chegaram à região onde hoje é o município de Santo Antônio da Patrulha, os irmãos Antônio Nunes Bemfica e Manoel Nunes Bemfica, vindos de Portugal. Aqui se instalaram com seus engenhos de cana de açúcar, que foram os primeiros do Rio Grande do Sul (BARROSO 2006).

Em entrevista a Vera Lucia Maciel Barroso, Santino Tedesco, um canavieiro de 80 anos morador de Ribeirão conta que a família era envolvida na lida da cana desde que ele era pequeno. Ele lembra que seu pai plantava na época uns cinco hectares de cana para fazer

cachaça e açúcar. A venda dos produtos era muito pouca, eles levavam no lombo de burros até a localidade de Miraguaia, em sacos de trinta quilos em viagem de três a quatro horas. A cachaça era levada em barris em cima de carroças. O açúcar era vendido em janeiro, fevereiro e março e a cachaça era em abril maio e junho e agosto, por causa da grande procura da bebida nos meses de inverno (BARROSO 2006).

Paulino Pereira Brito, outro morador da localidade de Ribeirão também em entrevista a Vera Lúcia lembra que desde os onze anos de idade ajudava seu pai na lida da cana. No ano da entrevista com 81 anos de idade Paulino ainda trabalhava com a cana (BARROSO 2006).

Segundo Barroso (2006), nas décadas de 1940 e 1950 os canavieiros da região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul viviam em euforia, pois a sua produção era toda consumida em fábricas de torrefação de café implantadas na região ou para a adição no vinho da serra gaúcha. Entretanto, a partir de outubro de 1957, com a proibição pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) da adição de açúcar mascavo nestes produtos a crise se instalou na região que só foi superada com a criação da AGASA em 1965. Os agricultores da localidade de Ribeirão viveram esta realidade que se apresentava referente à cadeia produtiva da cana de açúcar e seus derivados. Desde o início da povoação da localidade, os pequenos agricultores plantavam de tudo um pouco, inclusive cana de açúcar para alimentar as pequenas criações de gado e também para fazer aguardente e rapadura, que era vendida na cidade de Santo Antônio da Patrulha e na própria localidade. Com esta situação, os atores envolvidos com a cadeia da cana na região se movimentaram e criaram a Cooperativa Canavieira Patrulhense, em 08 de fevereiro de 1958, com a presença de Leonel Brizola e mais seiscentos canavieiros da região. A presidência ficou a cargo de Jorge Pedro Nehme o que culminou com a criação da AGASA em 1965 (BARROSO 2006).

A partir de 1965, o Sistema Agrário Colonial Português deu lugar ao Sistema Agrário Moderno que se caracterizou pela transformação da região de Ribeirão, a qual plantava policultivos de subsistência, a plantar na maioria das áreas agricultáveis da região, um produto chamado cana de açúcar para a usina recém instalada na região.

2.4 SISTEMA AGRÁRIO MODERNO (1965 A 1990)

Com a criação da AGASA houve grande euforia dos agricultores da região de Ribeirão, vislumbrando dias melhores para suas famílias.



Figura 3: Inauguração da AGASA.

Fonte: BARROSO, 2006 (*Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 nov. 1965. Suplemento Rural, p. 1.)

Este foi o principal fator que proporcionou a mudança do Sistema Agrário Colonial Português para o Sistema Agrário Moderno, a instalação da usina de beneficiamento de cana de açúcar, a AGASA. Esta empresa começou a ser construída com recursos públicos, no final de década 1950, pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola. Com a sua construção houve mudanças no sistema de produção agrícola da região. A AGASA foi inaugurada em 1965, mas foi em 1966, que a usina começou a receber a matéria prima para o processamento (BARROSO 2006).

I. S. conta que, quando se formou engenheiro agrônomo e ingressou na Secretaria Estadual da Agricultura em 1964, foi designado a trabalhar junto a AGASA e com isso coube a ele fazer um levantamento completo da região no entorno da usina. Conta ele que começou a percorrer a região e visitar um a um os agricultores canavieiros, antes mesmo da inauguração da usina. A situação em que ele encontrou as localidades, inclusive a de Ribeirão, deixou-o chocado, pois a infra-estrutura era bastante precária daquela gente e das localidades em geral. Segundo ele, as casas eram geralmente de tábua e cobertas com palha e no seu

interior o assoalho, era de chão batido. As estradas eram bem precárias, com isso ele tinha que se deslocar a cavalo: “Eu pegava o cavalo que ficava na localidade Alto Ribeirão e percorria por Montenegro, Sertão, Ribeirão, Arroio do Carvalho e todo o território aonde hoje é o município de Caraá” (I. S., 2011).

Os canavieiros que habitavam no alto dos morros, na região de Ribeirão, que circundavam a AGASA, viviam com grandes dificuldades, sem energia elétrica, com pouca comunicação e com estradas precárias, com poucas escolas para os filhos. A chegada da usina representou esperança para a comunidade. N.S. B., esposa de agricultor que plantava cana para a AGASA, relata em entrevista, que no tempo da AGASA, as condições de infraestrutura melhoraram um pouco, mas que era um tempo muito difícil, pois se trabalhava muito e não sobrava quase nada. Realmente, com a chegada da usina a infra-estrutura mudou na região de Ribeirão. (N. S. B., 2011). O maquinário da usina abriu estradas por todos os morros para que os caminhões chegassem aos mais difíceis lugares para carregar a cana. Segundo Barroso (2006), a AGASA trouxe esperança para aqueles pequenos produtores da localidade que não enxergavam em curto prazo um futuro para seus filhos. Realmente a situação mudou muito e os agricultores deixaram de plantar outros produtos de subsistência para se dedicarem unicamente à produção de cana para a usina. Foram anos de muita produção de cana na localidade. As lavouras foram ampliadas, as matas foram derrubadas e os morros da localidade ficaram verdes de tanta cana que foi plantada na localidade. Os caminhões empoeiravam as estradas da região, conservando, às vezes, dois e até três caminhões estacionados nas lavouras da localidade esperando para serem carregados.



Figura 4: Registro de queimadas para a expansão dos canaviais.

Fonte: (BARROSO, 2006 - *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 nov. 1965. Suplemento Rural, p. 1)

Na usina, a situação era igual, com os caminhões fazendo fila para descarregarem a sua carga. Às vezes os caminhoneiros tinham que esperar até dois dias para descarregarem. O auge da produção da AGASA foi em 1971. Segundo Barroso (2006), a safra 1971/1972 foi a maior que a AGASA produziu, não sendo alcançada em nenhum outro ano, alcançando 281.214 sacos.

O caminhoneiro A. T. relata que com a AGASA as estradas das localidades próximas à usina, inclusive a do Ribeirão, estavam em ótimo estado como nunca estiveram antes. “Eu fazia 250 viagens em seis meses de safra e atendia mais ou menos 38 canavieiros, principalmente do Ribeirão” (A. T., 2011).



Figura 5: Carregamento manual de cana: momento da subida na prancha.

Fonte: (BARROSO 2006 - CANA: plantações poderão atingir mil hectares. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 24, 28 set. 1979.)

Segundo I. S., engenheiro agrônomo da AGASA, a situação das localidades da região na época da AGASA melhorou muito, cumprindo assim o papel social que a usina foi criada. Segundo ele na época da AGASA as localidades da região (inclusive a localidade de Ribeirão) melhoraram em suas estradas, pois a AGASA se propôs a abrir estradas por todos os recantos de morros da região para escoar a produção.

Os agricultores tiveram acesso fácil a créditos nos bancos, pois a AGASA era uma garantia para as instituições financeiras. A AGASA intermediava as relações de créditos entre bancos e agricultores, garantindo aos bancos o pagamento dos empréstimos pelos agricultores. Com isso, os canavieiros puderam melhorar suas propriedades, com a compra de insumos e ferramentas para suas necessidades. Porém estes agricultores eram obrigados a comprarem

todos os insumos e ferramentas e a venderem toda a sua produção canavieira para a usina, cabendo a última estipular o preço que pagaria pela matéria prima.

Uma questão muito importante que I. S. levantou foi a de que a AGASA só garantia a liberação do financiamento, se os agricultores cultivassem um pomar ou uma horta perto de casa. Segundo ele isto era para que se mudasse a realidade da região, pois os agricultores não possuíam hortas, não possuíam pomares e também possuíam poucas cabeças de gado. Claro que esta questão é conflitante, pois por outro lado poderia haver algum outro interesse por parte da administração da usina por traz dessa vontade de melhorar a vida desses agricultores.

A AGASA começou a receber cana dos produtores da região em 1966 e seu auge produtivo se deu em 1971. Segundo o engenheiro agrônomo I.S. em 1971 a usina alcançou uma produção de 280.000 sacos/ano superior a sua capacidade. Do ano de 1972 em diante vários fatores ocasionaram a queda contínua de produção até que, em 1990, foi decretado o fechamento da usina. Segundo O. R. 51 anos, técnico em contabilidade que trabalhou na AGASA, o número de funcionários da usina era na administração e na fábrica em número de 120 efetivos e 60 safristas. No setor agrícola, os efetivos eram em número de 80 e os safristas em número de 250. Segundo ele a usina contava com 3000 canavieiros e 200 transportadores de cana (O. R., 2011).

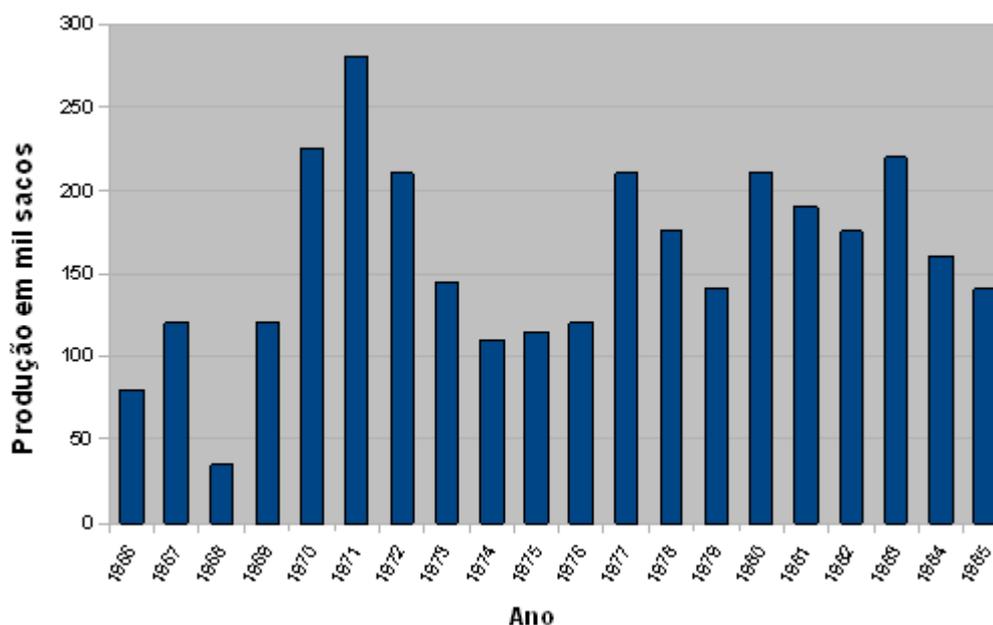


Gráfico1: Produção de açúcar da AGASA de 1966 a 1985.

Fonte: Elaborado pelo autor, referenciado em dados de Barroso (2006).

Como é possível se observar no gráfico 01, os anos de 70-72 correspondem a um período em que a produção da AGASA esteve no auge, alcançando mais de duzentos mil sacos na safra 1970/1971 e mais de duzentos e oitenta mil sacos na safra 1971/1972. A partir desta safra, a produção começou a cair, havendo uma reação no início da década de 1980 por causa da destilaria de álcool implantada na planta industrial da AGASA. A partir deste momento, a produção começou a diminuir levando à extinção da usina no final da década.

Segundo I. S., a AGASA foi muito importante economicamente para a região. Mas também foi bastante significativa na parte técnica e social para os agricultores da região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Na época em que I. S. prestava assistência aos canavieiros fornecedores da AGASA a situação destes era muito diferente da época em que o mesmo iniciou o levantamento completo da região, comparado com o ano em que ele saiu. Outra questão importante foi a de que, no início de suas andanças pelo interior dos municípios da região, as famílias possuíam em média menos de uma cabeça de gado por família. Com a AGASA e a farta plantação de cana, os agricultores puderam possuir mais cabeças de gado. Aproveitavam a sobra da cana que não servia para fazer o açúcar e davam como alimentação para o gado. Assim, se os agricultores não possuíssem algumas cabeças de gado, as sobras da cana iriam fora. Outro fato que o I. S. relatou é que antes da AGASA os agricultores possuíam casas precárias de madeira e coberta por sapê, não havendo estradas bem estruturadas na região. Com a AGASA, os agricultores conseguiram crédito para fazer suas casas de alvenaria e as estradas foram melhoradas para os caminhões terem acesso às roças.

Um fato importante relatado por I. S. de como ele visitava os agricultores: “Eu visitava um a um os canavieiros, às vezes eu ia a pé ou com um jipe, mas na maioria das vezes eu seguia a cavalo, que a AGASA alugava para eu percorrer as localidades mais inacessíveis” (I. S., 2011).

Por outro lado, nesse sistema agrário, nota-se uma acentuada redução da mata atlântica na região de Ribeirão e arredores. A mata nativa foi reduzida a 10% da sua totalidade e a mata ciliar também foi fortemente devastada, causando um grande assoreamento do rio. As espécies animais foram quase dizimadas, restando poucas espécies como o tatu. Também se viu a contaminação por produtos químicos dos mananciais hídricos e do solo (BEMFICA, 2000).

Com o advento da construção desta usina de beneficiamento de cana de açúcar na região, os moradores da localidade de Ribeirão começaram a ser incentivados a plantar somente cana de açúcar para consumo dessa usina. Com isso, a localidade deixou de lado a policultura do milho, feijão, mandioca, para iniciar o monocultivo de cana de açúcar. Quase

toda a produção era vendida para a AGASA, sendo que os pequenos engenhos quase desapareceram. Neste sistema, os produtos de necessidade para a alimentação dos agricultores começaram a vir da cidade, pois eles só plantavam a cana.

Vê-se nesse momento a introdução de insumos químicos na lavoura como adubos, herbicidas e mudas de cana selecionadas, trazendo uma produtividade maior. Obtém-se uma produtividade de aproximadamente 100 a 110 ton/ha. Os insumos eram intermediados pela AGASA, sendo que esta comprava e revendia aos produtores, cobrando o valor devido no decorrer da safra.

No início da década de 1990, a AGASA teve encerradas as suas atividades o que provocou uma grande crise no meio rural da região. Os motivos foram os mais diversos. Segundo Barroso (2006), o fechamento teria sido ocasionado pela desarticulação dos canavieiros por causa da condução errada do projeto idealizado por eles com a criação da cooperativa canavieira Patrulhense ,em 1958, somando-se à infra-estrutura da região que não era apropriada para este tipo de atividade. Também porque os minifúndios que produziam a maioria da cana eram localizados em encostas pedregosas e de difícil acesso e manejo da cultura sem a utilização de maquinários. A falta de acessos às propriedades, os juros bancários muito altos também ajudaram a dificultar a continuação da AGASA (BARROSO 2006).

A influência da AGASA na região de Ribeirão foi muito forte e decisiva, ocasionando mudanças importantes em sua estrutura de produção agrícola. Antes da AGASA a localidade vivia com seus policultivos de subsistência e com seus pequenos engenhos onde fabricavam rapaduras para serem vendidos na cidade de Santo Antônio da Patrulha. A AGASA transformou definitivamente o modo de produção da localidade. Os agricultores venderam ou desmontaram seus engenhos e começaram a plantar em grande escala a cana para abastecer a recém construída usina. As propriedades que utilizavam 50 ou 60 por cento de suas áreas agrícolas começaram a desmatar o restante para plantarem o máximo de área de cana. Não havia parte de morro ou margem de rio que não estivesse cheio de cana naquela época. Mas, no final da década de 1980, a AGASA dava sinais de crise o que se intensificou até o seu fechamento em 1990. Segundo P. P.B. agricultor de 93 anos que reside na localidade de Ribeirão até hoje, o que ocasionou o fechamento da AGASA foi que os agricultores começaram a sair das localidades rurais e faltou gente para cultivar a cana. Para O.P.B., agricultor que também plantava cana para a AGASA, o motivo do fechamento foi que as pessoas foram perdendo o ânimo, pois viam que lá dentro da usina as coisas não estavam certas. Já para N.S.B., esposa de agricultor canavieiro, o motivo do fechamento da AGASA foi a falta de incentivo monetário da usina para os agricultores canavieiros. Para A. T. que

transportava cana para a AGASA, o principal motivo do fechamento da usina foi a experiência do plantio de cana nos campos da beira da lagoa que diminuiu a porcentagem de açúcar na cana por causa do solo dos campos serem muito inferior ao das encostas. Para O. R. o principal motivo do fechamento da AGASA foi a impossibilidade de mecanização das lavouras das encostas ocasionando um custo de produção muito alto em relação às lavouras de São Paulo o que fez a concorrência ficar muito desigual. Já para I. S., engenheiro agrônomo que trabalhou na AGASA de 1962 até 1975, o principal motivo do fechamento da AGASA foi a transferência de mão de obra da zona rural para as fábricas recém implantadas no Brasil. Perguntado por que a AGASA fechou, ele foi enfático:

O motivo do fechamento da AGASA se chamou Delfim Neto. Com o advento do milagre econômico brasileiro, tirou toda a mão de obra do meio rural brasileiro, pois o Brasil precisava de mão de obra para as indústrias recém implantadas e não tinham mão de obra suficiente, por isso o pessoal do meio rural foi levado para as cidades para suprir esta necessidade. Como a AGASA precisava de grande contingente de fornecedores não conseguia mais se manter em produção. Foi usado um plano “b” que foi o de plantar cana nas várzeas do município de Santo Antônio da Patrulha e Osório. Conseguimos uma grande produção e uma cana de muito boa qualidade, mas não contamos com um fator essencial para o bom funcionamento da produção, foi o simples motivo que que no Rio Grande do Sul chove muito em certas épocas e não conseguíamos retirar a cana da lavoura, pois o terreno era muito úmido. Isto pôs fim à última esperança da AGASA sobreviver e conseqüentemente ela foi a fechar em 1989 1990 (I. S., 2010).

Cabe salientar que a AGASA fechou por vários motivos que foram se somando e contribuindo para que a situação da usina ficasse insustentável. Um dos motivos principais está relacionado aos juros altos que as instituições financeiras cobravam dos pequenos agricultores, que com a baixa produtividade das encostas não conseguiam pagar os seus empréstimos. Aliado a este motivo, as indústrias acenavam com bons salários e farta mão de obra nas cidades o que fez com que estes agricultores, não encontrando outra saída, migrassem para as cidades. A administração da usina com isso, tentou outro caminho para garantir a matéria prima de que precisava, cultivando o canavial nas terras planas da beira da Lagoa dos Barros. O projeto parecia dar certo, mas eles não contavam com as chuvas que caíam com frequência na região em certas épocas e assim dificultando a retirada da matéria prima das lavouras. Fica claro que o problema maior para a AGASA foi a falta de matéria prima, que os pequenos agricultores das encostas dos morros, não mais lhe oferecia e assim tentando outra forma de produção encontrou outra dificuldade para garantir o abastecimento necessário para a sua produção. Embora a usina pudesse importar mão de obra qualificada e numerosa de outras regiões não resolveria seu problema, pois o motivo principal de sua

decadência era a impossibilidade de encontrar terras apropriadas para a produção de cana em grande quantidade.

2.5 SISTEMA AGRÁRIO CONTEMPORÂNEO (1990 A)

Com o fim das atividades da AGASA, houve um grande êxodo rural na região de Ribeirão, a população diminuiu drasticamente e algumas áreas foram abandonadas, o que proporcionou uma pequena recuperação da mata nativa. O cálculo feito pelo produtor P. P. B é de que a recuperação chega a 5% fazendo com que a área coberta hoje pela mata chegue a 15%. Não se viu a mesma recuperação na mata ciliar pelo simples fato de que a margem do rio e das sangas serem de fácil acesso e com terras planas, sendo fácil o processo de cultivo.

Na região de Ribeirão, além da diminuição da população, as consequências foram terríveis para os agricultores que continuaram na localidade, pois estes ficaram desamparados com dívidas e sem alternativas para venderem sua produção de cana. A maioria havia vendido seus engenhos e não tinham para quem vender a cana. A saída foi vender as propriedades, pois as dívidas se acumulavam e os filhos não tinham alternativa de emprego. Isto ocasionou um êxodo rural grande aonde a maioria dos agricultores da localidade foi para as cidades da grande Porto Alegre empregarem-se na indústria.

Segundo Delgado (2009), o êxodo rural não aconteceu por acaso, pois a política nacional do governo, na época, era o de deslocar a população da zona rural para a zona urbana no intuito de conseguir mão de obra abundante para as recém indústrias implantadas no Brasil (DELGADO 2009).

Os produtores de Ribeirão, na época, cultivavam a monocultura da cana e não tinham mercado para a venda do produto. Com isso, os agricultores que continuaram morando na região, tiveram que mudar o rumo de suas atividades e no lugar da plantação de cana eles começaram a plantaram grama para a criação de gado e volta à policultura. Com o fechamento da AGASA, teve início o Sistema Agrário Contemporâneo.

A policultura passa a dominar nas propriedades neste período e a localidade se volta para a pequena agricultura de policultivos (milho, feijão, vassoura, fumo etc.) e a criação de animais. Não deixando de lado também o cultivo de cana de açúcar que é beneficiada em pequenos engenhos, produzindo o melado, o açúcar mascavo e a cachaça para as agroindústrias ou, agregado valor pelos próprios produtores. Os produtores passaram a utilizar

engenhos com motor, o que aumentou o rendimento da moagem. Observa-se também a instalação de pequenos moinhos onde era feita farinha de milho (o trigo, neste período, não era mais cultivado na região). O plantio de vassoura passou a ocupar um espaço maior, sendo que são fabricadas vassouras de forma artesanal.

Na área social viu-se a redução da vila agrícola. A religião católica continuou sendo a de maior número de fiéis, mas as religiões pentecostais passaram a fazer parte da vida da comunidade do Ribeirão. Houve o aumento de pequenos comerciantes que muitas vezes trocavam produtos industrializados por aqueles produzidos no local.

Devido ao relevo acidentado, continua o uso do arado com tração animal, sendo que o trator é utilizado em pequenas áreas às margens do rio da localidade. O uso de insumos químicos também faz parte da vida do produtor da região tendo como novidade a utilização de herbicidas para o extermínio das ervas indesejáveis nos campos.

Outro fator que marcou a mudança de comportamento da comunidade foi a instalação de fábricas de calçados nas áreas urbanas de Santo Antônio e Caraá. Com as dificuldades na área rural e os atrativos de segurança salarial mensal, grande número de moradores passou a trabalhar nas fábricas, isto sem deixarem de morar nas suas propriedades. Os agricultores que optaram por trabalhar nas cidades, também tiveram o estímulo do transporte gratuito até as fábricas.

Cabe salientar que talvez se a AGASA não tivesse existido, esta migração poderia ter ocorrido também, pois como salienta Delgado (2009), era interesse do governo brasileiro, deslocar as populações rurais para as cidades a fim de suprir as necessidades de mão de obra nas fábricas implantadas no Brasil na época. Porém fica claro que o êxodo rural na região de Ribeirão, especificamente, foi ocasionado principalmente, pela falta de alternativas para seus agricultores, deixado pelo vazio que ficou com o fechamento da AGASA.

	Sistema Agrário Indígena 6000 AP a 1830	Sistema Agrário Colonial Português 1830 a 1965	Sistema Agrário Moderno 1965 a 1990	Sistema Agrário Contemporâneo 1990 a.....
Fatores Ambientais	- Mata Atlântica com pequenas clareiras para plantio e moradia - Relevo Acidentado com pequenas áreas planas às margens do rio - Solo Basáltico - Mês mais chuvoso: Setembro - Meses menos chuvosos: Abril e Maio - Temperatura – de 0 ° C a 38,4° C - Localidade é cortada por um pequeno rio	Mata Atlântica com aumento das clareiras para plantio e moradia - Relevo Acidentado com pequenas áreas planas às margens do rio - Solo Basáltico - Mês mais chuvoso: Setembro - Meses menos chuvosos: Abril e Maio - Temperatura – de 0 ° C a 38,4° C - Localidade é cortada por um pequeno rio	-Redução acentuada da Mata Atlântica -Redução drástica da matailiar -Relevo Acidentado com pequenas áreas planas às margens do rio -Solo Basáltico -Mês mais chuvoso: Setembro -Meses menos chuvosos: Abril e Maio -Temperatura – de 0 ° C a 38,4° C -Localidade é cortada por um pequeno rio	-Pequeno aumento da Mata Atlântica - Relevo Acidentado - Solo Basáltico - Mês mais chuvoso: Setembro - Meses menos chuvosos: Abril e Maio -Temperatura – de 0 ° C a 38,4° C -Localidade é cortada por um pequeno rio
Fatores Econômicos	-Agricultura primitiva -Coleta-Pesca -Trocas entre tribos guaranis da mesma região -Eram trocados produtos produzidos e coletados por eles (feijão, milho, algodão, mandioca e fumo).	-Pequenos Agricultores -Trocas de produtos entre Famílias -Criação de Gado, Porco e Galinha -Policultura (Milho, Feijão, Cana-de-Açúcar e Trigo) -Havia trocas de produtos entre agricultores e o excedente era comercializado em centros maiores	-Monocultura da Cana-de-açúcar com pequenas áreas de feijão, milho e fumo -Alta produtividade -A cana era vendida para a AGASA que era uma estatal gaúcha -Abandono dos engenhos familiares.	-Policultura domina quase todas as propriedades (Milho, Feijão, Cana-de-Açúcar, Fumo, Vassoura) -Uma parte da produção é vendida para agroindústrias e a outra é beneficiada pelo próprio produtor (pequenos engenhos de cana-de-açúcar, moinhos de farinha de milho, pequenas fábricas de vassoura-
Fatores Sociais	-Organização Tribal -Poligamia -Religião Politeísta -Aos homens cabia a arte da guerra, fabricação de utensílios, construção das moradias, caça, pesca e coleta -mulheres eram responsáveis pela agricultura, artesanato, cerâmica e cuidavam das moradias e das crianças	-Católicos -Família Patriarcal -Vila Agrícola -Construção de Igreja. - construção de pequenos moinhos e engenhos de cana - Uma parte dos índios foi dizimada pelo contato com o europeu e os demais foram expulsos da região	-Construção de Escolas -Família Patriarcal Vila Agrícola -Abandono dos engenhos familiares. - Abandono das práticas e costumes agrícolas dos antepassados.	-Católicos, Pentecostais -Família Patriarcal -Redução da Vila Agrícola -Pequenos comerciantes. - Transformação de agricultores em moradores. - cultura do supermercado.
Fatores Técnicos	-Coivaras -Fabricação de Cerâmicas para o preparo dos alimentos e rituais religiosos -Uso de Flechas e anzóis de ossos	-Coivara -Arado -Machado -Foíce -Moinho -Saraquá -Os primeiros instrumentos trouxeram da Europa - Serraria - Engenhos de cana de - açúcar	-Uso de Insumos Químicos (Adubos, Herbicidas, etc). -Arado com tração Animal -A AGASA adquiria os insumos de empresas do ramo e repassava aos produtores	-Uso de Insumos Químicos (Adubos, Herbicidas, etc). -Arado com tração animal -Retorno dos engenhos de cana-de-açúcar
Fator de Crise e Transição	-Chegada dos Açorianos	-Instalação de Usina de Açúcar (AGASA)	-Extinção de Usina de Açúcar (AGASA)	

Quadro 1: Evolução e diferenciação dos sistemas agrários da localidade de Ribeirão, município de Santo Antônio da Patrulha/RS.

Fonte: Elaborado pelo autor

3 SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DA REGIÃO DE RIBEIRÃO NA ATUALIDADE

Hoje, a região de Ribeirão é povoada por remanescentes de agricultores que plantavam cana na época da AGASA e por seus descendentes que trabalham nas fábricas de calçados e metalúrgicas na cidade. Muitos jovens abandonaram a região à procura de trabalho nas cidades da região. Como se verifica, a região perdeu as características de localidade completamente agrícola. Sua economia não depende hoje apenas da agricultura, pois a renda é gerada através dos salários de pessoas que trabalham na cidade, aposentados e também pessoas que moram na cidade, mas que por motivo de afeto possuem casa na região. Isto descaracteriza a região como eminentemente agrícola e torna a localidade dependente de recursos financeiros gerados fora da região. Seus moradores, muitas vezes, precisam comprar verduras e outros alimentos no comércio da cidade, por não se cultivar mais hortas para seu próprio consumo.

Hoje, a situação da região se apresenta bem diferente do que era antes da abertura da AGASA. Na questão ambiental a região sofreu com o intenso desmatamento e poluição dos recursos hídricos devido ao intenso uso de agrotóxico. A população diminuiu consideravelmente, o modelo de agricultura mudou drasticamente, pois antes da AGASA, os agricultores da região plantavam quase tudo para o sustento de suas famílias e com a AGASA os agricultores deixaram de lado estes policultivos e praticamente plantavam somente a cana. Com a queda da AGASA, muitos agricultores se desesperaram e saíram da região e os que continuaram não voltaram a plantar para o seu sustento, pois perderam aquela identidade com a terra e passaram a comprar produtos para a sua alimentação, na cidade. Isto criou uma cultura de supermercado, descaracterizando a região e mudando os hábitos alimentares de seus moradores.

Com o fechamento da AGASA, a maioria dos agricultores da localidade não sabia o que fazer com as imensas roças de cana e a maioria achou melhor vender a propriedade e ir para a cidade se empregar em alguma fábrica ou comércio. Isto refletiu em um grande êxodo rural na região. Os poucos que ficaram passaram de agricultor a industriário e apenas morador da região.

De região agrícola, passou a ser região dormitório. Em consequência desta mudança radical na localidade em que os agricultores passaram a ser apenas moradores eles voltavam apenas à noite somente para dormir.

Hoje, as propriedades são em sua totalidade pequenas, com menos de 5 hectares. (SITAGRO 2010) como pode se observar no gráfico nº 01. Muitas estão abandonadas e outras se tornaram sítios de lazer para ex-agricultores que foram para as cidades e hoje retornaram como aposentados e também àqueles que retornam aos fins de semana para descansar e aproveitar o sossego da região.

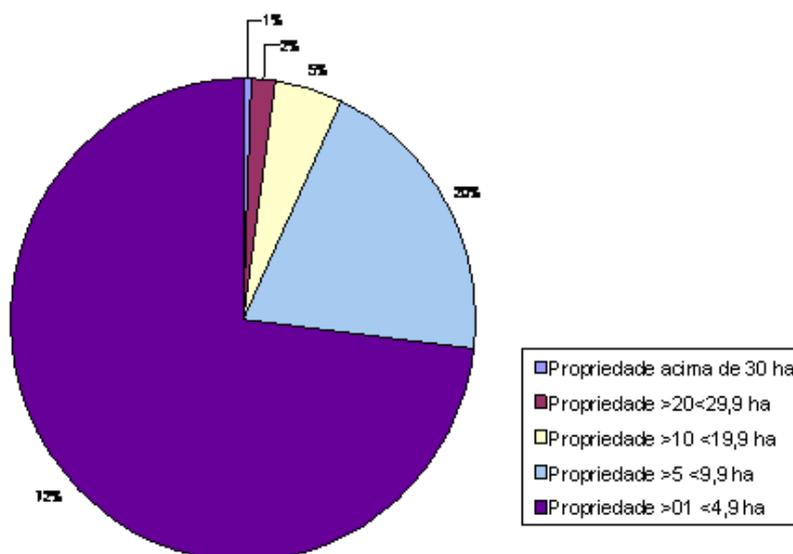


Gráfico 2: Situação fundiária da localidade de Ribeirão, município de Santo Antônio da Patrulha/RS (2010).

Fonte: SITAGRO (2010)

As perspectivas para a região de Ribeirão são indefinidas, pois a situação atual aponta para o desaparecimento da geração que viveu na época da AGASA e a consequente perda de identidade. As gerações pós AGASA, não se identificam mais com o modelo cultural da região e a tendência é que cada vez mais pessoas da cidade comprem áreas de terra para a construção de sítios de lazer. Por outro lado, os descendentes de antigos agricultores tendem a se deslocar para as cidades, mudando totalmente a identificação da região com seus antigos moradores.

Se não houver por parte dos governantes municipais, políticas públicas que venham ao encontro com o desenvolvimento rural da região, resgatando os valores culturais e identificando os jovens com suas raízes, o futuro como comunidade agrícola para Ribeirão parece incerto, tornando-a uma comunidade totalmente dependente de recursos externos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A AGASA teve influência decisiva na história agrária da localidade de Ribeirão. Antes de sua instalação, os agricultores plantavam cana de açúcar para produzir açúcar mascavo e aguardente, mas plantavam também milho, feijão, aipim, arroz e muitas outras culturas. Com o advento da AGASA, estes agricultores foram incentivados a plantar somente a cana de açúcar para suprir as demandas da usina. Matas nativas foram derrubadas e o meio ambiente foi degradado, pois eram necessárias mais áreas para o cultivo. Antes disso, os agricultores da localidade faziam suas coivaras e plantavam para subsistência de suas famílias, com pouco impacto ao meio ambiente. Com a necessidade de produzir muita cana para a usina este cenário mudou, pois quanto mais áreas fossem cultivadas, maior seria a renda destes agricultores. Assim, com a criação da AGASA, os morros que antes eram cobertos de mata ficaram cobertos de cana e cortados por estradas, causando assoreamento dos rios, pois estas não eram feitas corretamente para que a água não causasse estes estragos. Com o fechamento da AGASA, a localidade ficou desmatada e os moradores ficaram sem alternativas para vender seus produtos.

No meio ambiente, pode-se perceber que os prejuízos ocorreram de modo semelhante ao ocorrido em todo o território brasileiro, pois os imigrantes derrubaram as matas utilizando a madeira para suas construções e queimando a que não necessitavam. Pode-se também observar que a região acompanhou o desenvolvimento ocorrido durante a revolução verde, utilizando métodos e insumos químicos que aumentaram de modo significativo a produtividade. A policultura foi abandonada, dando lugar à monocultura da cana-de-açúcar e a consequência foi a contaminação dos mananciais hídricos, desgaste do solo e grande desmatamento para o plantio da cana-de-açúcar. Esse período ocorreu na fase do sistema agrário moderno, por ter se utilizado de elementos novos para produção. Contudo, como era uma monocultura e a produção era totalmente comercializada com a estatal AGASA, quando esta encerrou suas atividades, a região passou por grandes dificuldades. Houve então um grande êxodo rural, provocado pela dependência do pequeno produtor da monocultura.

A maioria se obrigou a partir para as cidades da região metropolitana de Porto Alegre para poderem sobreviver. Não houve, por parte do governo, uma política pública que resolvesse a situação destes agricultores com uma alternativa viável para que eles pudessem ter outra fonte de renda. Houve um grande êxodo rural. A minoria que ficou, voltou a utilizar os engenhos como possuíam antes da AGASA e seus filhos hoje, na maioria, trabalham em

fábricas de calçados ou metalúrgicas na região. Consequentemente, hoje, há uma minoria de moradores, da época pré AGASA, que vivem de seus engenhos, fazendo melado para fábricas de rapadura do município de Santo Antônio da Patrulha. Seus filhos trabalham na cidade e não se tem perspectivas de, que no futuro, estes jovens trabalhem no cultivo da cana como fazem seus pais e como faziam seus antepassados. Não existe uma ação por parte do governo no sentido de conseguir atrair as pessoas para o meio rural novamente, pois se considera que o morador do meio rural é atrasado, sem cultura e sem futuro. A região de Ribeirão está fadada a se transformar em um mero território de moradias de quem trabalha na cidade e que, por motivos de afeto com a região, possui uma residência para morar e descansar à noite e aos fins de semana, ou também para aqueles agricultores que se aposentaram e não querem ir para a cidade.

Fica evidente que a região não retornará às características que, no passado, caracterizou como uma região de intenso plantio de policultivos, conseguindo segurar as famílias unidas na região, pois ali elas trabalhavam se divertiam e tinham o mínimo de contato com as cidades e seu modelo capitalista.

A metodologia usada neste trabalho se fez adequada, pois foram realizadas entrevistas com atores que viveram na região na época da AGASA e caracterizaram com informações essenciais o cenário da região de antes e depois da AGASA. Além dos agricultores, foram entrevistados atores que viveram o cotidiano da usina, outros que viveram o cotidiano da usina e também da região e que, por isso, trouxeram um panorama de cenário quase igual ao que se apresentava na época da influência da AGASA sobre a região de Ribeirão. Portanto, a reconstituição do cenário da época ajudou a entender o cenário atual e dar visibilidade para entender as razões da presente situação da região de estudo.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Moendas Caladas**. Disponível em:<
http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/15/TDE-2007-06-20T120136Z-690/Publico/387367.pdf>
Acessado em 06 de novembro de 2010.

BEMFICA, Corália Ramos; FIGUEIREDO, Lézia Maria Cardoso de; GOMES, Santino Telmo; BIER, Teresinha de Jesus Bemfica; BARROSO, Vera Lucia Maciel – **Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá** – Porto Alegre, EST- 2000. 696p.

DELGADO, Guilherme C. **A questão agrária no Brasil: 1950-2003**. Disponível em: <
http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/7894/A_QUESTAO_AGRARIA_NO_BRASIL_1_950-2003_Delgado.pdf> Acessado em 20 de janeiro de 2011.

GARCEZ, Daniela; **A Evolução e diferenciação dos Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <
https://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/671/modulo4/Material_didatico_2_Modulo_4_01_2008.pdf> acessado em 20 de dezembro de 2010.

IBGE Cidades – **SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA / RS**. Disponível em: <
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>> Acesso em 28 de novembro de 2009.

LOCALIZAÇÃO de Santo Antônio da Patrulha no mapa do RS. Disponível em <
<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt->> Acessado em 18 de março de 2011.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **A teoria de sistemas agrários**. Disponível em:
<
http://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/671/Material_didatico_3_Modulo_2_12_2007.pdf
> Acessado em 15 de dezembro de 2010.

SITUAÇÃO fundiária da localidade de Ribeirão no ano de 2010. Disponível em<
http://www.sefaz.rs.gov.br/Site/MontaMenu.aspx?MenuAlias=m_sitagro>acessado em 20 de janeiro de 2011.

WIKIMÉDIA Project - **Santo Antônio da Patrulha** – Disponível em <
http://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Antônio_da_Patrulha>Acesso em 28 de novembro de 2010.

ENTREVISTADOS

P.P.B. - Santo Antônio da Patrulha. 10/01/2011. Entrevista concedida a Rinaldo Brito.

I. S. - Santo Antônio da Patrulha. 10/01/2011. Entrevista concedida a Rinaldo Brito.

O. P. B. - Santo Antônio da Patrulha. 25/01/2011. Entrevista concedida a Rinaldo Brito.

N. S. B. - Santo Antônio da Patrulha. 20/01/2011. Entrevista concedida a Rinaldo Brito.

O. R. – Santo Antônio da Patrulha. 20/01/2011. Entrevista concedida a Rinaldo Brito.

A. T. - Santo Antônio da Patrulha. 25/01/2011. Entrevista concedida a Rinaldo Brito.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Morador/agricultor da localidade que vivenciou o antes, durante e o pós AGASA.

1 - P: Qual é o seu nome?

R:

2 - P: Que idade o Senhor tem?

R:

3 - P: O senhor sempre morou na localidade?

R:

4 - P: O que senhor plantava antes de surgir a AGASA e o que planta hoje?

R:

5 - P: Qual era o tamanho das propriedades da localidade antes de surgir a AGASA e como são hoje?

R:

6 - P: Existiam mais matas nativas, antes da AGASA ou na atualidade?

R:

7 - P: O senhor sempre plantou cana de açúcar?

R:

8 - P: Quais as espécies de cana de açúcar que eram produzidas na localidade antes da AGASA?

R:

9 - P: E quanto se produzia antes e depois da AGASA?

R:

10 - P: Em sua opinião, por que a AGASA fechou?

R:

11 – Qual a consequência mais marcante do período da AGASA e seu fechamento?

R:

APÊNDICE B - Morador/agricultor que viveu na época e o pós AGASA.

1 - P: Qual é o seu nome?

R:

2 - P: Que idade o Senhor tem?

R:

3 - P: O senhor sempre morou na localidade?

R:

4 - P: O que seu pai plantava antes de surgir a AGASA e o que o senhor planta hoje?

R:

5 - P: Qual era o tamanho das propriedades na época da AGASA e como são hoje?

R:

6 - P: O senhor sempre plantou cana-de-açúcar?

R:

7 - P: E quando a AGASA fechou, o que o senhor começou a plantar?

R:

8 - P: E a população da localidade de ribeirão permaneceu a mesma após o fechamento da AGASA?

R:

9 - P: Em sua opinião, por que a AGASA fechou?

R:

10 - P: Hoje o que se planta nas roças da localidade?

R:

11 – Qual a consequência mais marcante do período AGASA e seu fechamento?

R:

APÊNDICE C - Esposa de agricultor/morador que plantou cana para a AGASA.

1 - P: Qual é o seu nome?

R:

2 - P: Que idade a Senhora tem?

R:

3 - P: A senhora sempre morou na localidade?

R:

4 - P: O que seu esposo plantava antes de surgir a AGASA e o que planta hoje?

R:

5 - P: Como era a vida das esposas de agricultores que plantavam cana para a AGASA e como é hoje?

R:

6 - P: O que mudou para as esposas e filhos de agricultores da localidade que plantavam cana para a AGASA?

:R

7 - P: A senhora ajudava na lida da roça?Como?

R:

8 - P: As crianças ficavam aonde no período de trabalho da senhora?

R:

9 - P: O que mudou na vida social de vocês com o fechamento da AGASA?

R:

10 - P: Em sua opinião por que a AGASA fechou?

R:

11 – Qual é a sua ocupação atual?

APÊNDICE D - Ator envolvido com o processo de produção da AGASA como transportador de cana de açúcar.

1 - P: Qual é o seu nome?

R:

2 - P: Que idade o Senhor tem?

R:

3 - P: O senhor fez frete para a AGASA desde o início das atividades da usina?

R:

4 - P: Como eram as estradas da localidade antes da AGASA e quando a usina começou a funcionar?

R:

5 - P: O preço do frete pago pela AGASA compensava?

R:

6 - P: O senhor comprou caminhão novo para fazer estes fretes?

R:

7 - P: O senhor fazia fretes apenas para a AGASA?

R:

8 - P: Depois que a AGASA fechou o que o senhor ficou transportando?

R:

9 - P: Quantos agricultores o senhor atendia?

R:

10 - P: Quantas viagens o senhor fazia por safra?

R:

11 - Qual é sua ocupação atual?

R:

APÊNDICE E - Ator envolvido com o processo de produção da AGASA no setor técnico.

1 - P: Qual é o seu nome?

R:

2 - P: Que idade o Senhor tem?

R:

3 - P: O senhor morava aonde na época que trabalhava na AGASA?

R:

4 - P: Como o senhor ingressou na AGASA?

R:

5 - P: O que o senhor fazia especificamente?

R:

6 - P: O senhor atendia todos os canavieiros associados?

R:

7 - P: Estes canavieiros eram de quais localidades?

R:

8 - P: Em que período eram as visitas às propriedades?

R:

9 - P: Que tipo de orientação era dada aos agricultores?

R:

10 - P: Em sua opinião, por que a AGASA fechou?

R:

11 – Qual sua ocupação atual?

R:

APÊNDICE F - Funcionário que trabalhava na administração da AGASA.

1 - P: Qual é o seu nome?

R:

2 - P: Que idade o Senhor tem?

R:

3 - P: O senhor morava perto da usina?

R:

4 - P: Como o senhor ingressou na AGASA?

R:

5 - P: O que o senhor fazia especificamente?

R:

6 - P: O senhor lembra quanto era a produção anual da AGASA?

R:

7 - P: Quantos funcionários tinha a AGASA?

R:.

8 - P: A parte administrativa era desempenhada por quantas pessoas?

R:

9 - P: Qual a safra em que a AGASA teve mais lucro?

R:

10 - P: Em sua opinião, por que a AGASA fechou?

R:

11 – Qual sua ocupação atual?

R:

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Trabalho de Conclusão de Curso INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “título do projeto/tcc” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “título do projeto/tcc” – do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo “descrever os objetivos”.

A minha participação consiste na recepção do aluno “Nome completo” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação (e a da propriedade/agroindústria/cooperativa/outra para a publicação no TCC.)

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

(Cidade local) , ____/____/2011